

# **INTRODUÇÃO À ÉTICA TEOLÓGICA**

introdução à

José Antonio Trasferetti  
Maria Inês de Castro Millen  
Ronaldo Zacharias

# ÉTICA TEOLÓGICA



Direção editorial  
Claudio Avelino dos Santos

Coordenação editorial  
Jakson Ferreira de Alencar

Revisão  
José Antenor Velho, sdb

Projeto gráfico e capa  
Walter Mazzuchelli

Produção editorial  
AGWM produções editoriais

Impressão e acabamento  
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Trasferetti, José Antonio

Introdução à ética teológica / José Antonio Trasferetti,  
Maria Inês de Castro Millen, Ronaldo Zacharias. — São Paulo :  
Paulus, 2015. — (Coleção Introduções)

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-4095-5

1. Ética 2. Ética cristã 3. Teologia e sociedade 4. Teologia  
moral I. Millen, Maria Inês de Castro. II. Zacharias, Ronaldo.  
III. Série.

---

14-12984

CDD-241

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética teológica : Teologia moral 241

1ª edição, 2015

© PAULUS  
Rua Francisco Cruz, 229  
04117-091 — São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700 — Fax: (11) 5579-3627  
www.paulus.com.br  
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4095-5

# Sumário

## **Apresentação**

A Teologia Moral em permanente busca de sua identidade

Marciano Vidal, CSsR » 9

## **Introdução**

Ronaldo Zacharias » 15

### **I TRINDADE: quem ama vive voltado para o outro**

Maria Inês de Castro Millen » 21

Introdução » 21

1. Trindade e Sagrada Escritura » 26

2. Trindade e Tradição da Igreja » 28

3. Trindade: fundamentos teológicos » 30

Conclusão » 33

Referências bibliográficas » 35

### **II LIBERDADE: do limite à possibilidade de existir em referência ao outro**

Maria Inês de Castro Millen » 37

Introdução » 37

1. Liberdade e Sagrada Escritura » 39

2. Liberdade e Tradição da Igreja » 42

3. Liberdade: fundamentos teológicos » 44

Conclusão » 48

Referências bibliográficas » 50

### **III OPÇÃO FUNDAMENTAL: uma escolha carregada de vida**

José Antonio Trasferetti » 51

Introdução » 51

1. Opção fundamental e formação da personalidade » 52

2. Opção fundamental e meios de comunicação de massa » 55

3. Opção fundamental e ato moral » 58

4. Opção fundamental e escolhas morais » 59

5. Expressões da opção fundamental » 62

6. Opção fundamental e consciência moral » 66

Conclusão » 68

Referências bibliográficas » 69

<b>IV</b>	<b>CONSCIÊNCIA: da interioridade à reciprocidade</b>	
	Maria Inês de Castro Millen	» 71
	Introdução	» 71
	1. Consciência moral e Sagrada Escritura	» 72
	2. Consciência moral e Tradição da Igreja	» 76
	3. Consciência moral: fundamentos teológicos	» 78
	Conclusão	» 86
	Referências bibliográficas	» 87
<b>V</b>	<b>PROJETO DE VIDA: da alteridade à solidariedade</b>	
	José Antonio Trasferetti	» 89
	Introdução	» 89
	1. Projeto de vida e os meios de comunicação de massa	» 91
	2. Projeto de vida e globalização	» 94
	3. Projeto de vida e práxis social	» 98
	4. Projeto de vida e utopia	» 101
	5. Projeto de vida, consciência e discernimento moral	» 103
	6. Projeto de vida e espiritualidade	» 106
	Conclusão	» 110
	Referências bibliográficas	» 111
<b>VI</b>	<b>VALORES E NORMAS: do cumprimento formal à expressão da interioridade</b>	
	Ronaldo Zacharias	» 113
	Introdução	» 113
	1. Valores morais	» 114
	2. Normas morais	» 120
	Conclusão	» 125
	Referências bibliográficas	» 126
<b>VII</b>	<b>DIREITOS HUMANOS: para além da mera retórica ingênua e estéril</b>	
	Ronaldo Zacharias	» 127
	Introdução	» 127
	1. O sentido da realização do ser humano como pessoa	» 130
	2. O sentido dos direitos humanos como caminho de realização do humano	» 137
	Conclusão	» 144
	Referências bibliográficas	» 145

<b>VIII</b>	<b>PECADO: a banalidade do mal como realidade inegável</b>	
	José Antonio Trasferetti	» 147
	Introdução	» 147
	1. Pecado e o sentido da vida	» 148
	2. O pecado social	» 152
	3. O pecado estrutural	» 155
	4. O pecado e a banalidade do mal	» 158
	Conclusão	» 166
	Referências bibliográficas	» 167
<b>IX</b>	<b>MAGISTÉRIO: para além da autoridade de quem fala</b>	
	Ronaldo Zacharias	» 169
	Introdução	» 169
	1. Significado da autoridade no ensino oficial do Magistério	» 171
	2. Significado do senso dos fiéis	» 174
	3. Significado da acolhida do ensinamento do Magistério	» 176
	4. Significado pastoral do ensinamento do Magistério	» 179
	5. Significado da missão dos teólogos moralistas	» 180
	6. Significado da cooperação entre bispos e teólogos moralistas	» 183
	7. Significado do dissenso	» 185
	8. Significado da infalibilidade do Magistério	» 187
	Conclusão	» 188
	Referências bibliográficas	» 189

» **APRESENTAÇÃO**

# A Teologia Moral em permanente busca de sua identidade

Marciano Vidal, CSsR<sup>1</sup>

**C**abe-me a fortuna de escrever algumas páginas que sirvam de apresentação a este importante livro sobre Teologia Moral, escrito por três importantes moralistas brasileiros, grupo ao mesmo tempo uno – em sabedoria e em orientação – e diverso – em gênero literário e procedência.

A Teologia Moral conheceu nos últimos cinquenta anos uma transformação tão profunda que até se pode falar com razão, no meu modo de entender, de uma *refundação* desse campo do saber teológico. Há alguns anos, dirigi uma tese

---

<sup>1</sup> Marciano Vidal é doutor em Teologia Moral (Academia Alfonsiana - Roma). Tradução: padre José Antenor Velho, sdb.

de doutoramento do falecido agostiniano espanhol Vicente Gómez Mier, em que o autor apresentava as razões e os documentos pelos quais se justifica a afirmação da *Refundação da Teologia Moral* no período pós-conciliar.<sup>2</sup>

Há duas evidências maiores que expressam claramente a mudança do paradigma moral *casuístico* para o paradigma moral *renovado*. De um lado, o conhecimento moral de hoje insere-se no tronco teológico, recuperando assim o estatuto teológico perdido durante a longa etapa do casuísmo (séculos XIV-XX), quando o discurso moral passou à epistemologia jurídica e converteu-se numa ajuda para a aplicação moral da lei positiva, sobretudo eclesiástica. De outro, a reflexão moral cristã de hoje serve-se dos conhecimentos humanos como mediações imprescindíveis para tornar crível (*crítico*) e eficaz (*transformador*) o *ethos* da fé.

Mediante essa mudança de paradigma, a reflexão teológico-moral dos últimos cinquenta anos pretendeu realizar o urgente mandado do Concílio Vaticano II: “Consagre-se cuidado especial ao aperfeiçoamento da Teologia Moral cuja exposição científica, mais alimentada pela doutrina da Sagrada Escritura, evidencie a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo e sua obrigação de produzir frutos na caridade, para a vida do mundo”<sup>3</sup>. No imediato pós-Concílio, surgiram comentários sobre essa proposta, entre os quais convém recordar os provenientes de dois moralistas que, com grande probabilidade, foram os autores ou, ao menos,

---

2 V. Gómez Mier. *La refundación de la moral católica: el cambio de matriz disciplinar después del Concilio Vaticano II*. Estella: Verbo Divino, 1995; *La rifondazione della morale cattolica. Il cambiamento della matrice disciplinare dopo il Concilio Vaticano II*. Bologna: EDB, 1998.

3 “Decreto *Optatam Totius*. Sobre a formação sacerdotal”, n. 16, in: *Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

os inspiradores do mencionado texto conciliar: Josef Fuchs (1912-2005) e Bernhard Häring (1912-1998). Se acrescentarmos outros três nomes a esses dois – Richard A. McCormick (1922-2001), Louis Janssens (1908-2001) e Franz Böckle (1921-1991) –, teremos o quinteto representativo da geração que conduziu a Teologia Moral da aridez desértica do casuismo à fértil terra da renovação conciliar.

O trabalho de renovação teológico-moral foi intenso durante a etapa pós-conciliar. Empregando o exemplo adaptado de um nobre (mas velho) edifício, o trabalho dos moralistas consistiu em:

1. Demolir a estrutura antiga, preocupando-se em não colocar em perigo a vida de ninguém e em conservar os restos que ainda são preciosos.
2. Preparar uma nova estrutura, de acordo com as exigências do presente, e adequar a ela as plantas (tratados), os ambientes (os temas) e os móveis (as categorias, os símbolos, os princípios etc.).

O trabalho de renovação teológico-moral foi realizado servindo-se de diversos procedimentos. Foram muitos os gêneros literários utilizados pelos estudiosos da Teologia Moral para renovar o velho edifício da moral casuística e construir o novo. Ressalto, de modo especial, estes seis:

- os novos *manuals* de Teologia Moral, os que possibilitaram a visão de conjunto do renovado campo teológico-moral e favoreceram a aprendizagem do novo paradigma. Eles estão em diversos idiomas e, embora mantenham uma estrutura semelhante, são vários os modelos diante da amplitude, da organização temática e da metodologia no tratamento dos temas;

- os *dicionários* vêm a ser manuais condensados e organizados por palavras segundo a ordem alfabética. Há bons exemplos no campo da moral renovada, também com matizes diversas tanto na seleção das entradas quanto na forma de tratar os temas;
- sem chegar ao extenso gênero de um dicionário, existem conjuntos temáticos que vêm a ser como *conceitos fundamentais* de moral. Alguns deles insistem mais nos aspectos epistemológicos e de fundamentação; outros preferem a orientação temática ou de conteúdo concreto;
- as *sínteses* autônomas dos principais tratados da Teologia Moral constituem uma notável evidência do imenso trabalho realizado pelos moralistas atuais e recentes. Sobressaem as sínteses de *bioética*, de *moral matrimonial*, de *moral sexual*. Mais recentemente, começou o interesse pelo campo da *moral fundamental*. A *moral social* foi absorvida pelas exposições sobre a Doutrina Social da Igreja;
- nada disso seria possível se não existissem *estudos monográficos* sobre os muitos e diversos temas de Teologia Moral. Nesse sentido, as *revistas* teológicas genéricas e as especializadas em moral (*Moralia*, do Instituto Superior de Ciências Morais, Madri; *Studia Moralia*, da Academia Alfonsiana, Roma; *Revue d'éthique et de théologie morale*, da Associação de Moralistas Francófonos, Paris) favoreceram a publicação de pesquisas com as quais se vai renovando o campo da disciplina teológico-moral;
- uma visão da *história da Teologia Moral* oferece notável ajuda para formular essa disciplina no momento.

O interesse histórico sempre acompanhou os estudos de renovação teológico-moral.

Além disso, foram redigidas sínteses sobre a história dessa disciplina; algumas das apresentações históricas são notavelmente sintéticas. Eu mesmo participo de um amplo projeto de História da Teologia Moral, da qual já apareceram quatro amplos volumes (Editorial Perpetuo Socorro, Madri).

O panorama bibliográfico apresentado põe às claras o imenso trabalho realizado pelos cultivadores da Teologia Moral neste último meio século. Nesse trabalho, três gerações empregaram sua vida:

- a que, nos inícios, trabalhou com o paradigma casuístico e, depois, mudou-se para o paradigma renovado: é a geração da mudança;
- a que iniciou sua vida intelectual ao término do Concílio Vaticano II e empenhou-se na renovação conciliar: é a geração do Concílio;
- a que está atualmente em plena atividade e trabalha para a renovação frutificar de variadas formas e em diversos âmbitos temáticos: é a geração atual.

Li com interesse os estudos que compõem este volume e, depois de lê-los, fiz o exercício de situá-los dentro do esquema histórico-temático que acabo de traçar.

Evidentemente, a autora e os autores dos trabalhos deste volume pertencem à última geração, a que está em pleno movimento. Não gostaria de deixar de ressaltar que tanto essas pessoas quanto seus respectivos trabalhos fazem parte do amplo movimento de renovação teológico-moral no Brasil a partir do Concílio Vaticano II.

Quero pensar que os autores dos trabalhos contidos neste volume:

- conectam-se, *verticalmente*, com a geração dos moralistas brasileiros que, mesmo antes do Vaticano II e principalmente depois do Concílio, perceberam a necessidade de renovar os quadros do pensamento moral e os conteúdos da disciplina teológico-moral. Utilizando uma metodologia seletiva, agrada-me recordar dois teólogos livres e criativos, holandeses de nascimento, mas brasileiros de vida, que deram à luz uma obra moral com frescor evangélico e com inculturação renovada: o franciscano Bernardino Leers (1919-2011) e o redentorista Jaime (Cornelis) Snoek (1921-2013). Não posso, entretanto, esquecer a essência da Teologia da Libertação que os moralistas brasileiros da época pós-conciliar introduziram no movimento de renovação teológico-moral da época;
- unem-se, *horizontalmente*, ao notável grupo de moralistas brasileiros da geração do imediato pós-Concílio e da geração atual que sabem trabalhar em equipe e formam uma ativa e fecunda associação de teólogos moralistas.

Se tivesse de escolher alguns dos gêneros anteriormente anotados para enquadrar os estudos do presente volume, não duvidaria em apontar o gênero de *conceitos fundamentais*. A temática oferecida neste livro toca pontos nucleares da Teologia Moral. Por isso é perfeito o título dado ao conjunto: *Introdução à ética teológica*.

Desejo um grande sucesso à obra. Ao possível leitor, garanto que não ficará decepcionado.

## » **INTRODUÇÃO**

Ronaldo Zacharias

O presente texto é resultado do esforço de três teólogos moralistas – José A. Trasferetti, Maria Inês de Castro Millen e Ronaldo Zacharias –, que desejam oferecer aos leitores alguns fundamentos para uma reflexão ética na perspectiva teológica. Os nove temas escolhidos não se referem a problemas concretos das variadas dimensões da reflexão ética, mas constituem pressupostos imprescindíveis para a compreensão tanto do agir humano quanto da elaboração do juízo moral.

Distantes da pretensão de elaborar um tratado de ética teológica, os autores dialogam com renomados teólogos

moralistas da atualidade e, nesse diálogo, se expressam com liberdade sobre o presente e o futuro da ética teológica.

Distantes, também, da pretensão de dar uma palavra definitiva sobre os temas escolhidos, os autores reconhecem que as reflexões aqui propostas precisam ser complementadas com outras questões fundamentais de ética teológica e com outras perspectivas de abordagem que explicitem mais profundamente a necessidade de um diálogo interdisciplinar. Por isso, tratam cada tema com um profundo sentido de humildade, conscientes de que oferecem apenas mais uma voz ao debate. Debate este que, pela própria natureza, nunca terá um ponto final, mas carecerá sempre de abertura a novas questões, novos métodos de abordagem e novas fundamentações.

Não há um fio condutor explícito que ligue os vários temas. Ao mesmo tempo em que um se refere ao outro, todos podem ser considerados singularmente. A perspectiva de abordagem, esta sim, perpassa todos os temas: partindo da ação humana concreta, os autores procuram integrar a dimensão racional e religiosa da ética, a fim de capacitar o leitor a compreender o que significa agir de um modo coerente com o sentido mais profundo da existência humana e elaborar um juízo de valor sobre o agir humano que considere o humano tanto na sua riqueza quanto na sua fragilidade.

No primeiro capítulo, Maria Inês parte do princípio de que a imagem que temos de Deus condiciona profundamente o nosso modo de viver a dimensão moral da fé. Para ela, urge retornar ao Deus de Jesus Cristo se quisermos viver a autonomia própria de quem se sente protegido e amparado pelo amor de um Deus que é rico em misericórdia. Partindo do dado escriturístico, Maria Inês aborda a revelação trinitária de Deus e a necessidade de o humano,

criado à sua imagem e semelhança, viver a unidade no respeito à diversidade. Mais ainda, o Deus Trindade se revela como amor, como Aquele que, por amor, não apenas dá vida, mas retira o amado da condição de impossibilidade e o faz caminhar por si próprio.

No segundo capítulo, Maria Inês parte do pressuposto de que não pode haver verdadeira liberdade se a dignidade humana estiver ferida ou maltratada. Embora criado na sua essência como absolutamente livre, o ser humano, justamente porque humano, não possui liberdade plena; esta é sempre limitada, parcial, incompleta, referenciada. É liberdade real, mas finita. É liberdade de uma criatura, isto é, é liberdade dada que deve ser acolhida com responsabilidade.

No terceiro capítulo, Trasferetti afirma que, justamente porque livre, o ser humano precisa confrontar-se continuamente consigo mesmo e com os outros. E é a opção fundamental, como expressão da firme decisão da liberdade de orientar-se para Deus e para os outros, que permite/favorece esse confronto. No entanto, a opção fundamental pressupõe maturidade. Maturidade para ser capaz de dar à própria existência e ao agir uma orientação básica que inspira as decisões concretas e, ao mesmo tempo, para ser capaz de assumir uma postura de vida caracterizada pela alteridade.

No quarto capítulo, Maria Inês, convicta de que a consciência moral não se reduz nem ao conhecimento de si nem ao conhecimento normativo, propõe que voltemos à riqueza de compreensão proposta pela *Gaudium et Spes*, para a qual a consciência é muito mais do que um juízo prático, enquanto representa a interioridade humana, a subjetividade, o mais íntimo de cada um, onde nos descobrimos como pessoas, nos construímos e nos sentimos capazes de

decisões significativas na relação, comunhão e diálogo com Deus e com os outros.

No quinto capítulo, Trasferetti, ao afirmar que as decisões morais que ocorrem no decorrer da vida devem expressar concretamente um projeto de vida, reconhece que não é fácil para quem vive num contexto globalizado, individualista, fragmentado, excludente, narcisista e niilista, determinar as próprias ações com liberdade e responsabilidade, autonomia e protagonismo. Em meio a esse contexto, o projeto de vida deve ser portador de sentido, capaz de nortear os comportamentos e as decisões, incluir a preocupação com o outro e com o todo, ser expressão do discernimento pessoal e comunitário.

No sexto capítulo, Ronaldo aborda, por sua vez, a questão dos valores e das normas morais. Para ele, os valores morais, justamente porque se referem à pessoa na totalidade da sua existência e constituem um apelo dirigido à liberdade responsável, é que devem constituir um ideal a ser alcançado. No entanto, os valores, sozinhos, não são capazes de orientar as pessoas no que fazer para se realizarem como pessoas. Os valores, por isso, precisam ser traduzidos em normas concretas de ação. Embora as normas morais constituam um ponto de referência obrigatório no juízo moral, elas são apenas um ponto de referência para a consciência e precisam, além de ser interpretadas em vista do valor a ser realizado, ser também relativizadas na sua função pedagógica de conduzir à experiência dos valores.

No sétimo capítulo, Ronaldo afirma que tratar dos direitos humanos significa rever o sentido que atribuímos à existência e o caminho concreto para realizá-lo. No anseio de resposta às exigências da própria natureza humana que

clama por realização/perfeição, os direitos humanos constituem um caminho concreto a fim de que o humano se realize como pessoa e cresça na sua subjetividade e intersubjetividade. Os direitos humanos, justamente porque expressam valores básicos do ser humano, têm um significado ético, um caráter de exigência globalizante, um tom profético. No entanto, se não forem convertidos em positivamente jurídico-políticas, dificilmente alcançarão seus significados.

No oitavo capítulo, Trasferetti pontua que o pecado nos remete a uma profunda reflexão sobre o sentido da vida e a relação com o próprio projeto de vida, pois ele evidencia a situação de negatividade do ser humano perante o mundo e perante Deus. Considerando que o ser humano é um ser-em-relação, inserido numa teia de relações, cada pecado pessoal é também social e, este, por sua vez, se concretiza em estruturas de pecado. É o mal que se banaliza e acaba transformando o *ethos* cultural.

No nono capítulo, Ronaldo, partindo do pressuposto de que ninguém pode ter a pretensão de advogar para si uma autoridade sobre toda espécie de assuntos morais e, muito menos, revestir-se da auréola da soberania ou o manto do sagrado para fazer isso, aborda o papel do Magistério e dos teólogos em relação à orientação dos fiéis em questões de moralidade. Se, por um lado, o Magistério não pode silenciar, os teólogos moralistas não podem, por sua vez, ser reduzidos a meros tradutores do ensinamento do Magistério. Impõe-se o diálogo, a humildade e a consciência de respeito diante de Deus em todas as instâncias, pois tanto percepções quanto interpretações são sempre plurais, e o reconhecimento da vontade de Deus é também ação do Espírito que sopra onde quer.